
CONTORNOS

de uma arquitetura

Embora a ironia tenha sido um expediente recorrente em parte ou no conjunto da obra de nomes representativos da nossa tradição literária, ela não tem recebido a atenção devida por parte de críticos e teóricos da literatura. No mais das vezes, ela tem contado com um comentário suplementar em monografias dedicadas a outros aspectos centrais da obra de um dado autor, em relação aos quais é vista apenas como suporte ou recurso a mais. A discussão, assim, pouco reflete da complexidade de um tema que constitui desafio constante a críticos literários e teóricos de diversas áreas, a ponto de justificar o número impressionante de títulos que compõem a bibli-

VAGNER CAMILO
é doutorando em
Teoria Literária na
Unicamp e autor de
*Risos entre Pares: Poesia
e Humor Romântico*
(a ser publicado,
em breve, pela Edusp).

V A G N E R C A M I L O

IRÔNICA

ografia especializada em contexto europeu ou norte-americano. Some-se ainda aqui o fato de que, dentre esses títulos, nem mesmo clássicos como os de Vladimir Jankélévitch, Wayne Booth, Beda Alleman, Douglas Muecke, René Bourgeois ou A. E. Dyson puderam contar com traduções brasileiras.

Já por esse prisma de carência, o trabalho de Beth Brait constitui uma contribuição valiosa. Dividido em dois grandes blocos, o primeiro deles é dedicado à fundamentação teórica, passando em revista os vários enfoques dados ao tema, bem como as oscilações do conceito ao longo da história, a fim de melhor precisar a *démarche* adotada pela autora.

Ironia em Perspectiva Polifônica, de Beth Brait, Campinas, Editora da Unicamp, 1996.

Por se tratar aqui de uma especialista na chamada “análise do discurso”, a primeira impressão (que muito freqüentemente corre o risco de ser enganosa) é a de uma abordagem fadada a certa limitação imposta pelo próprio método, frente a um fenômeno que, não raras vezes, parece furtar-se a deixar impressas marcas textualmente apreensíveis. Efeito de *langue* e não de *parole*, diria Serge Meitinger, “como discriminar e classificar os ‘traços’ próprios à intenção irônica para fornecer-lhe uma segura e clara taxonomia?”. Seria o caso de inventar – indaga, ele próprio, ironicamente – um “ponto de ironia”, do mesmo modo como existe já um ponto de exclamação, um ponto de interrogação ou os *points de suspension* (reticências)!?... (1). Embora reconhecendo esse “problema quase insolúvel” posto pela ironia e tributando-a ao intertexto e ao contexto histórico, social, ideológico e cultural segregado pela língua, Meitinger não deixa, por isso, de se valer do instrumental da análise do discurso para examinar o emprego que o poeta de “Les Amours Jaunes” faz da ironia, como estratégia de reapropriação de certos mitos e “rituais” do romantismo francês, tendo em vista a atmosfera moral e intelectual do *fin de siècle*.

Defrontando-se com esse mesmo “problema” denunciado por Meitinger, Beth Brait buscou também contorná-lo de tal modo que, sem abandonar propriamente o campo da análise do discurso, não chega a adotar nenhuma das mais conhecidas vertentes (como a linha francesa da análise do discurso, a lingüística textual, a semiótica greimasiana, a análise da conversação), que se costumam abrigar sob esse mesmo rótulo. Assinalando a inexistência de uma teoria “homogênea” do discurso, bem como a dificuldade de todo teórico dessa área em lidar com o conceito de *sujeito* (fundamental para a abordagem do tema), a autora acaba por se decidir pelo caminho da *interdisciplinaridade*. Entrecruza, assim, conceitos procedentes de fontes distintas, como o da *subjetividade* formulado por

Benveniste e o de *polifonia* inaugurado por Bakhtin, ambos já uma vez articulados e desenvolvidos pela lingüista J. Authier-Revuz.

Mas se esses três autores fornecem o fundamento da metodologia adotada, Brait não dispensa ainda as contribuições para o estudo específico da ironia, provenientes de diversas áreas do conhecimento e evidenciadas na medida em que se promove, na primeira parte, a revisão bibliográfica sobre o tema. Dentre elas, Brait dedica especial atenção às contribuições da filosofia (notadamente as dos românticos alemães, que representam um divisor de águas no redimensionamento do conceito de ironia), da psicanálise e da pragmática. Ainda aqui, ao mesmo tempo em que processa a revisão bibliográfica, a autora lança mão do exame de outras modalidades discursivas (como é o caso, em especial, das manchetes jornalísticas), a fim de ilustrar e validar as hipóteses formuladas por teóricos dessas áreas.

Munida de todo esse aparato conceitual e metodológico, Brait parte, então, na segunda metade do estudo, para o exame da obra de José Maria de Toledo Malta (vulgo Hilário Tácito): *Madame Pommery*. Escrito em 1919, esse romance tornou-se, pela época da publicação em 20, “um dos mais rumorosos sucessos de livraria” (segundo Léo Vaz), para que, ao longo dos anos, perdesse muito de sua notoriedade, apesar do número considerável de estudos que lhe vêm sendo dedicados, no correr das décadas, por Lima Barreto, Tristão de Ataíde, Monteiro Lobato, Werneck Sodré, Edgard Carone, Antônio Dimas, Flora Süssekind, Francisco Foot Hardman e Júlio Castañon Guimarães, entre outros.

Na abordagem do romance, Brait privilegia a concepção de ironia como forma “intertextual/interdiscursiva que, para realizar-se como tal, implica necessariamente a cumplicidade do leitor, o partilhar de uma memória discursiva de natureza literária ou não” (2). O interdiscurso irônico mobiliza aqui vários recursos, examinados um a um.

1 Serge Meitinger, “L'Ironie Antirromantique de Tristan Corbière”, in *Littérature*, 51, Paris, oct. 1983, p. 41.

2 Beth Brait, *Ironia em Perspectiva Polifônica*, p. 128.

3 Ver, nessa linha, o estudo pioneiro de José Guilherme Merquior, “Gênero e Estilo nas Memórias Póstumas de Brás Cubas” (in *Colóquio/Letras*, nº 8, Lisboa, jul./1972, pp. 12-20), seguido depois por Enilton de Sá Rego, *O Calundu e a Panacéia: a Sátira Menipéia e a Tradição Lucidiana* (Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989).

Pelo viés da intertextualidade, a autora vai determinando com precisão o diálogo explícito ou implícito com autores dos séculos XVI, XVII e XIX, especialmente Montaigne (que teve alguns dos seus ensaios traduzidos para o português por Toledo Malta), Rabelais, Flaubert e Machado de Assis (único escritor brasileiro com que Toledo Malta chega a dialogar abertamente, segundo Brait). Ainda em termos de intertextualidade, Brait identifica o cruzamento das várias “linhagens” literárias em que se inscreve, deliberadamente ou não, o romance de Toledo Malta. É de causar surpresa, aqui, o fato de a autora, tendo buscado respaldo teórico nos estudos bakhtinianos, nada considerar a respeito da tradição da *sátira menipéia*, que andou em voga entre nós, notadamente nos estudos machadianos (3). No entanto, parece notória certa afinidade do autor de *Madame Pommery* com essa tradição, inclusive no que concerne à mistura de gêneros promovida no romance (misto de crônica, literatura de intenções, narrativa de casos ilustres, literatura de lições, ensaio e fábula galante, licenciosa e cômica, segundo Brait).

No mais, é surpreendente ver o modo como Brait destriça o emaranhado de alusões contidas em *Madame Pommery*, a começar pela própria capa da primeira edição. Obviamente, a intenção não é a de se limitar à identificação e ao mero registro do coro de vozes da tradição literária que ecoam no livro. Brait interessa-se sobretudo por examinar a reapropriação crítica que Toledo Malta faz de todo esse legado literário (que não se limita aos nomes citados aqui), tendo em mira o contexto histórico-social de modernização de São Paulo no início do século. Uma visada crítica que se evidencia já no fato de trazer para o centro da cena uma imigrante de “vida airada”, cujo “ofício”, desempenhado entre as paredes do bordel Paradis Retrouvé, é descrito pelo narrador (irônico até no nome) Hilário Tácito, em termos de missão catequética, educativa e civilizatória, engrossando, assim, o coro

de vozes presentes no texto com os ecos dos discursos institucionalizados, relativos a essa tripla missão.

Para finalizar, ressalte-se o mérito de uma abordagem que vai além do exame da ironia atomizada em frases ou pequenos enunciados – procedimento freqüente nos estudos dedicados ao tema. Brait examina a ironia como princípio estruturador de uma unidade textual longa, tomando por objeto de análise o único romance desse engenheiro especialista em concreto armado que, na segunda década do século, edificou sua obra mais arrojada na base da *bricolage*.

Capa da primeira edição de *Madame Pommery*

